

## O precursor do romance da escravidão

*Francisco Sodero Toledo*

*Os homens de sangue ou Os sofrimentos da Escravidão* foi o último trabalho do escritor silveirense Vicente Felix de Castro publicado em vida. Nele transparece o ineditismo, a maturidade literária e o seu inconformismo social. Na apresentação do mesmo, em sua primeira página, deixa registrado a sua intenção: “*Escrevi este romance para o povo. Patentear aos olhos do país os sofrimentos dolorosos e pungentes da escravidão, profligar o crime que se commete em algumas de nossas propriedades ruraes com abuso e desrespeito à lei...*”

O romance foi escrito no ano de 1.867, concluído em 1.871 e publicado em 1873 na cidade do Rio de Janeiro, disponibilizado ao público em dois tomos: o primeiro com 225 páginas e o segundo com 199 páginas. Portanto, ele foi gestado nos primórdios do movimento abolicionista quando ainda os literatos não haviam tratado do assunto. Os primeiros romances da escravidão apareceram somente em 1.869.

A questão da escravidão, herança do Brasil colônia, continuou por todo o período do Império brasileiro. O país independente de Portugal, comandado por uma oligarquia agrária escravocrata, embora levantando por vezes a bandeira do liberalismo, mantinha a escravidão. O *escravo era aquele* que estava sujeito a um senhor e tido como sua propriedade. Assim, um escravo sem a liberdade, obediente ao seu senhor, não contava com qualquer forma de proteção. Podia ser vendido, trocado ou doado por seu proprietário, individualmente ou por grupos, ser severamente punido por meio de castigos físicos e até com a morte. A sociedade brasileira acostumara-se se a escravidão e as suas inúmeras faces. Os vestígios da época, como os retratos feitos pelos artistas europeus, bem demonstram a realidade e o flagelo que ocorria, não só no interior da sociedade escravista como também em áreas urbanas e lugares públicos.

A literatura ganha, de início, feições ruralizadas. Este é o cenário por onde se desenvolve toda a trama de *Homens de Sangue*. No espaço dominado por membros da oligarquia agrária que detinha o poder econômico e político, alimentado pela riqueza advinda da produção do café e que participava da sustentação do Império brasileiro.

Vicente Felix, ao deixar o ufanismo dos escritos românticos enveredou pelas características típicas do realismo como eixo de sua produção cultural: a preocupação em caracterizar a região, introduzir questões históricas presentes no cotidiano e a extravasar gestos de inconformismo diante da realidade social. A partir de então, realidade e literatura se aproximam e se completam. O escritor é colocado como ponto de inserção mais sensível entre a história, literatura e a sociedade. Muitas vezes o romance se desenvolve, como no caso de “*Sufrimentos da Escravidão*” numa sequência cronológica, linear, de janeiro a abril de 1867, tornando a questão da escravidão como ponto central de sua narrativa.

## Literatura como denúncia e crítica social.

Vicente Felix de Castro foi um dos primeiros literatos brasileiros a se levantar contra o regime da escravidão de forma criativa e corajosa. No interior da província, na cidade de Silveiras, convivendo lado a lado com os senhores proprietários de terras e de importantes “peças” do sistema escravista fez do romance “Os homens de sangue ou Os sofrimentos da Escravidão” uma arma poderosa contra os crimes existentes. Inaugura um tipo de literatura comprometida com a realidade social do país, para manifestar o seu inconformismo com a escravidão e, por meio da escrita, exercer o seu papel de cidadão. Assim como escreveu: *“A liberdade hade vir. O evangelho do Homem Deus cumprir-se-há. O escravo não virá a ser a exploração do traficante, mas sim um membro para a sociedade, um homem útil para o trabalho, que ennobrece e faz prosperar.”*

Corajosamente denuncia o tráfico negreiro, os seus agentes, que intitula de *“traficante de carne humana”* (1). Revela com toda força de expressão o tratamento “como coisa” dado aos escravos. A *“bicharia”* como eram tratados na época. Descreve com objetividade a cena da venda de escravos.

Por todo o texto aponta os castigos a que os escravos eram submetidos. Um dos seus personagens, o Pai João, não passava um dia que não experimentasse novo desgosto e não lembrasse do martírio que sua família havia sofrido. Sua esposa, a mulata Isabel despertou a paixão no comendador Almeida, dono da propriedade e dos escravos. Não cedendo aos ataques do senhor *“no maior rigor da sorte o infeliz viu sua esposa succumbir às torturas de uma carnificina horrível”* (2)

E continua a narrativa:

*“As carnes delicadas da mulher do escravo foram mutiladas pelo azorrague, que o commendador com punhos de ferro applicava, sedento de ver correr o sangue da victima... Esse horroroso castigo ser reproduzira por três dias. Pai João desfallecia pela dor intensa que cortava a alma. Com evangélica resignação o escravo vio todo esse drama sangrento sem que amaldiçoasse a barbaridade do homem, que olvidando os preceitos divinos, commettia tão grande attentado. Isabel não pudera resistir ao martyrio, succumbira. O peito opresso do escravo tomara-se de luto. Nem uma palavra proferira ao ver sahir o cadáver para a inhumação.”* (3)

O romance ao perseguir o caminho da denúncia dos sofrimentos do regime escravocrata aponta para outros acontecimentos e causos de *“arrepisar a carne”*. Tal como o suplício de um velho negro, que por ter se negado a obedecer as ordens do patrão foi colocado no açoite, “no artificio da roda”. Foram-lhe cortados *“todos os membros”*, mutilados as carnes e o que lhes fez succumbir sob os olhares do barão da fazenda Taquaral *“que por si próprio ordenava o horrível castigo, regozijava-se em olhar para sua victima”* (4)

Denso de emoção é o relato da *“tunda dobrada de chicote nas costas”* ordenada pela baronesa da fazenda Taquaral como castigo do delito cometido pela escrava Amélia por ter roubado um pedaço de lombo de porco para comer as escondidas. (5). Suplícios e mortes confirmados pelos “caipiras”, homens brancos que viviam nas fazendas subordinados aos desmandos do poderoso Barão do Taquaral. “

*É verdade... e matado a poder de bacalhau de couro crú! Isto bota sangue ahi pela manta do canhoto! Exclamou o caipira ... o molho às vezes é de três dias, e às vezes até antão-se chega à novena. À novena?! Quer dizer nove dias de castigo? Isso mesmo, Sr. Dr., isso mesmo! Porém pouco negro escapa do molho.” (6)*

Vicente Felix faz da literatura uma trincheira em defesa do escravo e uma bandeira pela abolição da escravatura. Neste contexto não poupa crítica a oligarquia dominante e a elite política do país.

Em vários trechos deixa transparecer o repúdio pela forma com eram distribuídos os títulos honoríficos no Império, “*as honras compradas pelo dinheiro*”, como escreveu. Cita até mesmo os traficantes que ambicionavam a riqueza em seus negócios para “*fazer bonita figura no paiz aspirando também , um título honorífico sem o qual a opulência não reflecte.*” Exemplifica contando o caso do Comendador João Cypriano que fora agraciado com o título de barão do Taquaral, dois anos de ter manifestado aos membros da Corte sua intenção de obter tal título, “*dispondo o seu correspondente da quantia de vinte contos de réis applicada ás urgências do Estado.*” Conquista esta acompanhada de festas, sessões de cumprimentos em sua fazenda e do alcance de outro título enobrecedor, a nomeação para o cargo *coronel commandante superior da Guarda Nacional do município da cidade d\*\*\*.* (7)

A literatura é também empregada para denunciar a forma, por vezes arbitrária, de convocação para servir ao país na Guerra do Paraguai:

*“-Hão de deixar orphãos sem pai, esposa sem o marido, viúvas sem os filhos... hão de fazer todas as sortes de vexames... hão de especular com viveiro de gente para substituir os designados da Guarda Nacional, com tanto que appareça dinheiro... hão de desprezar o direito, a lei, e a vontade dos nossos homens do governo será o despotismo incarnado na hypocrisia revoltante da justiça!*  
(8)

E conclui, de forma contundente pela fala de Ricardo, um de seus personagens:

*“- Dinheiro!dinheiro! tu és o ídolo adorada de nossa actualidade; a ti se curvam todos todos sem distincção de classes. Tu cobres com o teu poder almas corruptas de crimes, cegas os olhos da justiça, entras nos gabinetes dos ministros e transformas o villão da aldeã, o carniceiro do escravo, n’um titular do império! Abates a virtude e a intelligencia porque ellas despresando-te não se curvam ao servillismo de uma ávida e ambiciosa sociedade! Apesar de reconhecer esse teu poder em também despreso-te! Pelo caminho do vicio repillo-te com todas as forças de minha alma; desejo possuir-te porém pela via honrosa, pelo suor do trabalho e empregando-te, com os bons desejos do coração, nos que necessitam, nos que gemem agonias da escravidão sem ter poder contra o algoz.” (9)*

Já os políticos, que segundo ele: “*Políticos da barriga na câmara, e no governo, só desejam sugar a têta gorda do Estado, com o sacrificio da mãe patria, falsificando o mandato que lhes é confiando. No seu dolce far niente, vendo as espiraes de um excellente – Havana – seu pensamento corre pelo mundo seductor da opulência e da aristocracia, e não me lembram que o pobre povo, apesar de também ser soberano, geme opprimido pela má vontade dos déspotas, não merecendo um seutil de beneficio,*

*e lançando-se-lhe ainda baldões e impropérios como se fossem escravos... como escrava é a pobre gente negra, que agonisa sob o azorrague dos potentados de nossas aldeias!”* (10)

E, em tom melancólico denuncia: *“A justiça! a justiça!... Só tem justiça quem tem dinheiro! suplanta-se o direito quando o direito é pela causa do pobre!”* (11)

#### A ideia da libertação dos escravos

O lançamento dos “romances da escravidão” coincide com o início do movimento abolicionista. Eles constituirão importantes meios para divulgar a questão, realizar denúncias e apontar saídas para a libertação do escravo.

Vicente Felix de Castro trata do assunto com muita objetividade. Faz de seus escritos um desabafo pessoal contra a escravidão. Sonha os mais belos sonhos, coerente com sua formação cultural e seus pensamentos liberais. Assume compromisso com os negros e com a sua libertação.

*Escreve, com “o coração fechado de pesar, com a alma tomada de tristeza por vermos uma sociedade corrupta, ambiciosa e deshumana, parecerá uma hyperbole, mas asseveramos no entanto serem verdades puras. Nessas cenas horríveis cometidas por alguns potentados fazendeiros (salvando-se honrosas exceções), que nas propriedades ruraes o poema doloroso da escravidão oferece paginas sinistras, manchadas pelo sangue do innocente, a justiça da terra não vai exercer a sua ação profligando o crime pelo respeito votado a esses bárbaros proprietarios de escravatura, que zombando do Imperio da lei, entricheirados em fortes ou castellos de ouro, são ahi incolumes e inviolaveis, e por conseguinte soberanos despotas da desgraçada raça.”* (12)

Em seus textos coloca como fonte de informação o Evangelho “do Homem Deus”, “os santos evangelhos”. A mesma justificativa encontrada nas cartas de libertação dos anos 60 a 70 do século XIX. Uma clara evidência da presença de um clero liberal, progressista que havia participado e liderado o movimento liberal de 1842.

No desenrolar do romance coloca na fala de seus personagens o sonho do final da escravidão. Diante dos atentados ocorridos nas fazendas e na sociedade em geral, dos “desleixos” das autoridades, considerando o cativo com um mal para o Brasil e impróprio para um povo que se diz liberal aponta para uma outra realidade social desejada:

*“Não está remota a época em que uma transformação social virá mostrar que o Império da Santa Cruz, nação fadada para grandes cousas, hade olhar com horror para seu passado, em que o gemido agonisante da escravidão echoará como victima da barbaria de homens de sangue, sem lei e sem coração!”* (13)

O romance tem seu epílogo numa tarde de 4 de outubro de 1871 quando chega a fazenda a notícia tão esperada de ter sido convertida em lei o projeto que deveria assinalar um notável avanço no movimento abolicionista. Era a Lei do Ventre

Livre promulgada em 28 de setembro de 1871 e que tornava livre os filhos dos escravos que nascessem a partir da decretação da mesma.

Neste momento, pela fala de seus personagens exalta em texto rico de civismo e de esperança pela vitória da causa abolicionista um discurso para a ficar na história:

*“ Senhores, uma lei humanitária, que tem a sancção do Homem Deus, e que vem colher os applausos do seculo e trazer um grande futuro para o império Americano, foi promulgada em bem dos brasileiros. Devemos pois admirar-a, e fazer sinceros votos pela completa abolição da escravidão!*

*... esta nova lei vem abrir uma época memoravel para o império do Cruzeiro; prenuncio da aurora da liberdade, que há de romper um dia as algemas do captiveiro, faz-nos agora esperar tranquilos pelo grande futuro desta nação gigante, deste paiz abençoado pela cruz da redempção.”* (14)

Com a publicação deste romance Vicente Felix de Castro que era reconhecido como “O pai do romance paulista” passou também a ser considerado como “o precursor do romance da escravidão” no Brasil.

### Notas

- 1 -Castro, I,9
- 2 Castro, I,39
- 3 Castro, I,9
- 4 Castro, I, 171
- 5 Castro, I,93
- 6 Castro, I,149
- 7 Castro, I,191
- 8 Castro, I,149
- 9 Castro, I,7
- 10 Castro, II,53 e 54
- 11 Castro, I,150
- 12 Castro, I,173
- 13 Castro, I,11
- 14 Castro, I,72

### Referências

- CASTRO, Vicente Felix de. *Os homens de sangue ou Os sofrimentos da Escravidão*. Tomo I (225 p.), Tomo II (199 p.) Rio de Janeiro: Typografia cinco de março, Rua do Lavradio, 1873.
- SODERO TOLEDO, F. *Estrada Real: Caminho Novo da Piedade*. Campinas: Editora Alínea, 2010